

REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA NAS RELAÇÕES CONJUGAIS E A INFLUÊNCIA DAS RELAÇÕES FAMILIARES NA INFÂNCIA: UMA ANÁLISE FÍLMICA DE “É ASSIM QUE ACABA”

Lara da Cunha Scheffer¹
Stephane Catharine Zavadil²
Bruno da Silva da Silveira³
Simone Regina dos Reis Nunes⁴

RESUMO: A violência psicológica nas relações conjugais constitui uma das formas mais sutis e complexas de abuso, frequentemente mascarada por dinâmicas emocionais e afetivas. Compreender como esses comportamentos se formam e se perpetuam ao longo da vida é essencial para promover reflexões sobre suas origens e impactos nas relações humanas. O presente trabalho tem como objetivo analisar a representação da violência psicológica nas relações conjugais e compreender como as experiências familiares vivenciadas na infância podem influenciar a permanência ou repetição desses padrões na vida adulta. A análise foi realizada a partir do filme *É Assim Que Acaba*, adaptação da obra literária de Colleen Hoover, que retrata a trajetória emocional da protagonista diante de um relacionamento abusivo marcado por comportamentos sutis de controle, manipulação e invalidação emocional. Por meio de uma abordagem qualitativa e bibliográfica, fundamentada em estudos sobre violência psicológica, dependência emocional e transmissão intergeracional de padrões afetivos, buscou-se identificar como o contexto familiar de origem atua na percepção de amor e tolerância ao abuso. Os resultados evidenciam que vivências de negligência afetiva, exposição a conflitos parentais ou modelos disfuncionais de convivência podem naturalizar comportamentos abusivos, tornando mais difícil o reconhecimento da violência psicológica. Conclui-se que a produção cinematográfica analisada possui relevância social ao promover reflexão e conscientização sobre formas de violência invisíveis, reforçando a importância da educação emocional e do fortalecimento de políticas públicas voltadas à prevenção da violência doméstica.

Palavras-chave: Violência psicológica. Relações conjugais. Infância. Análise fílmica. Transmissão intergeracional.

¹Acadêmica da 10ª fase de Psicologia, UNESC.

²Mestre em Saúde Coletiva, UNESC.

³Bacharel em Psicologia - UNESC; Mestrado em Ciências Ambientais - UNESC, Professor no Curso de Psicologia da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

⁴Mestra. UNESC.

ABSTRACT: Psychological violence in marital relationships constitutes one of the most subtle and complex forms of abuse, often masked by emotional and affective dynamics. Understanding how these behaviors are formed and perpetuated throughout life is essential to promote reflection on their origins and impacts on human relationships. This study aims to analyze the representation of psychological violence in marital relationships and to understand how family experiences lived in childhood can influence the persistence or repetition of these patterns in adult life. The analysis was carried out based on the film *It Ends with Us*, an adaptation of the literary work by Colleen Hoover, which portrays the emotional trajectory of the protagonist facing an abusive relationship marked by subtle behaviors of control, manipulation, and emotional invalidation. Through a qualitative and bibliographic approach, grounded in studies on psychological violence, emotional dependency, and intergenerational transmission of affective patterns, the study sought to identify how the family context of origin acts on the perception of love and tolerance of abuse. The results show that experiences of emotional neglect, exposure to parental conflicts, or dysfunctional models of coexistence can normalize abusive behaviors, making it more difficult to recognize psychological violence. It is concluded that the cinematographic production analyzed has social relevance by promoting reflection and awareness about invisible forms of violence, reinforcing the importance of emotional education and the strengthening of public policies aimed at preventing domestic violence.

Keywords: Psychological violence. Marital relationships. Childhood. Film analysis. Intergenerational transmission.

2

INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher constitui um grave problema social, cultural e de saúde pública, presente em diferentes contextos históricos e sociais. Entre as diversas formas de violência, a violência psicológica destaca-se por sua complexidade e invisibilidade, uma vez que não deixa marcas físicas aparentes, mas produz impactos profundos na saúde emocional, autoestima e autonomia da vítima. Segundo a Organização Mundial da Saúde, a violência pode ser compreendida como o uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, outra pessoa ou grupo, podendo resultar em danos físicos, psicológicos e emocionais (OMS, 2002).

No contexto das relações conjugais, a violência psicológica manifesta-se por meio de comportamentos de manipulação, controle, humilhação, chantagem emocional, isolamento e invalidação afetiva, configurando relações marcadas pela desigualdade de poder. Muitas vezes, tais práticas são naturalizadas socialmente e confundidas com demonstrações de cuidado, ciúme ou amor, dificultando o reconhecimento da violência e contribuindo para a permanência da

vítima na relação abusiva. Conforme Heleieth Saffioti (2001), a violência de gênero está diretamente relacionada às estruturas patriarcais que sustentam relações desiguais entre homens e mulheres.

Além dos fatores sociais e culturais, estudos psicológicos apontam que as experiências vividas na infância possuem papel fundamental na construção dos vínculos afetivos e na forma como os indivíduos percebem o amor, o cuidado e os conflitos nas relações adultas. Para John Bowlby (1988), os primeiros vínculos estabelecidos com as figuras parentais influenciam diretamente os modelos internos de relacionamento. Assim, indivíduos expostos a contextos familiares marcados por negligência, violência ou instabilidade emocional podem desenvolver maior tendência à reprodução ou tolerância de relações abusivas na vida adulta.

Nesse sentido, compreender a relação entre violência psicológica e transmissão intergeracional de padrões afetivos torna-se essencial para ampliar o debate sobre violência doméstica e relações conjugais. Conforme Féres-Carneiro e Magalhães (2017), padrões afetivos e comportamentais vivenciados na infância tendem a ser reproduzidos nas relações adultas, muitas vezes de forma inconsciente, contribuindo para a perpetuação de ciclos de violência.

Diante disso, o cinema surge como importante instrumento de análise e reflexão social, pois permite representar conflitos humanos, relações afetivas e dinâmicas psicológicas de forma acessível e simbólica. Segundo Mano, Corso e Weinmann (2018), o cinema funciona como uma via importante de compreensão das representações psíquicas e dos processos de subjetivação, possibilitando refletir sobre conflitos emocionais e relações sociais presentes na contemporaneidade.

O filme *É Assim que Acaba*, baseado na obra de Colleen Hoover, acompanha a trajetória de Lily Bloom, uma jovem que busca construir uma nova vida após uma infância marcada pela violência doméstica presenciada entre seus pais. Ao iniciar um relacionamento com Ryle Kincaid, um neurocirurgião aparentemente atencioso e bem-sucedido, Lily passa a vivenciar situações de violência psicológica e física que remetem às experiências observadas em sua família. Paralelamente, a reaproximação com Atlas Corrigan, seu primeiro amor, contribui para reflexões sobre afeto, respeito e relacionamentos saudáveis. A narrativa evidencia mecanismos de manipulação, dependência emocional e a influência das vivências familiares na construção dos vínculos amorosos.

Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo analisar a representação da violência psicológica nas relações conjugais a partir do filme *É Assim Que Acaba*, buscando compreender

como as experiências familiares vividas na infância influenciam a permanência ou ruptura de ciclos de violência. A pesquisa pretende contribuir para a reflexão acadêmica e social acerca das formas invisíveis de violência, promovendo conscientização sobre a importância do reconhecimento precoce de comportamentos abusivos e do fortalecimento de estratégias de prevenção e enfrentamento da violência contra a mulher.

METODOLOGIA

O método ancora-se na investigação teórica psicológica, por meio da análise fílmica psicológica que, neste caso, abrangerá o filme "É assim que acaba". Trata-se de uma pesquisa de análise qualitativa aplicada, a partir de conceitos da psicologia, visando analisar a representação da violência psicológica nas relações conjugais a partir do filme *É Assim Que Acaba*.

Conforme apontam Mano, Corso e Weinmann (2018), sobre o uso de narrativas ficcionais fílmicas, é inegável que elas incorporam e manifestam os processos de formação da subjetividade, os contextos discursivos, as formas de expressão e as abordagens dos desafios característicos de cada período histórico.

Conforme Silveira e Córdova (2009), a pesquisa qualitativa visa entender e se aprofundar em um grupo social ou uma organização, não se preocupando com a representatividade numérica, mas sim reconhecendo as particularidades das ciências sociais, valorizando dessa forma as subjetividades e interações. Essa abordagem busca a compreensão dos significados, crenças, valores e atitudes, explorando os fenômenos sociais que não podem ser quantificados, permitindo assim uma análise rica e detalhada dos processos e relações sociais.

O presente trabalho declara o uso da ferramenta GPT-5.5, da OpenAI, com a finalidade de auxiliar na elaboração de rascunhos iniciais, na revisão gramatical, na coesão textual e na comparação de versões de parágrafos durante a construção do projeto.

ANÁLISE DE DADOS

Os dados obtidos na pesquisa foram organizados e categorizados com base nos objetivos propostos e, em seguida, examinados por meio da técnica de análise de conteúdo de Bardin (2011).

A análise de conteúdo é compreendida como um conjunto de técnicas metodológicas em constante aprimoramento, aplicável a diferentes formas de comunicação, sejam elas verbais ou

não verbais, permitindo uma interpretação aprofundada do material estudado (Silva; Fossá, 2015).

Para este estudo, optou-se por seguir as etapas da análise de conteúdo descritas por Bardin (2011), conforme sistematizadas por Silva e Fossá (2015), por se tratar de uma das abordagens mais amplamente utilizadas em pesquisas qualitativas. A técnica se desenvolve em três fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, com posterior inferência e interpretação.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise do filme *É Assim Que Acaba* foi organizada em três categorias principais, definidas a partir dos objetivos específicos desta pesquisa: manifestações de violência presentes na narrativa fílmica; impactos emocionais e subjetivos da violência na vítima; e influência das experiências familiares na perpetuação ou ruptura dos ciclos de violência.

O filme acompanha a trajetória de Lily Bloom, uma jovem mulher que se muda para Boston em busca de reconstruir sua vida e realizar o sonho de abrir seu próprio negócio. Durante essa trajetória, Lily conhece Ryle Kincaid, um neurocirurgião bem-sucedido, carismático e inicialmente afetuoso. O relacionamento entre os dois se desenvolve de maneira intensa e apaixonada, porém, ao longo da narrativa, passam a surgir comportamentos marcados por controle, imposição, manipulação emocional e episódios de violência física e psicológica. Paralelamente, o filme também apresenta lembranças da infância da protagonista, evidenciando que Lily cresceu em um ambiente familiar marcado pela violência doméstica vivenciada por sua mãe.

Nesse sentido, a narrativa cinematográfica permite compreender como a violência psicológica se constrói de maneira gradual e silenciosa dentro das relações afetivas, dificultando seu reconhecimento. Além disso, o filme possibilita refletir sobre a influência das experiências familiares na formação dos vínculos afetivos e na reprodução intergeracional de padrões relacionais abusivos.

Manifestações de violência na narrativa fílmica

A trajetória de Lily e Ryle, representados como um casal jovem em fase de constituição de vida e carreira, reflete o perfil epidemiológico da violência contra a mulher no Brasil. O casal se enquadra na faixa etária de maior incidência de agressões, que ocorre entre os 20 e 39 anos,

período marcado pela construção de novos vínculos afetivos e familiares (Silva et al., 2021). Além disso, a violência perpetrada por Ryle confirma o caráter íntimo do fenômeno, corroborando os dados de que o cônjuge ou ex-cônjuge é o principal responsável por grande parte das notificações (Pestana et al., 2021).

Embora o filme seja uma ficção estadunidense, a trajetória de Lily encontra forte relação com a realidade brasileira. Conforme dados do SINAN/DATASUS apresentados entre 2014 e 2023, foram registrados 1.974.090 casos de violência contra mulheres, evidenciando o caráter epidêmico do fenômeno (Lima et al., 2025).

Sendo que o domicílio é o principal espaço de ocorrência (77,78%), o que reforça a noção de que o lar, que deveria ser espaço de proteção, se torna local de risco (Carvalho, 2024);

Na obra cinematográfica observa-se, inicialmente, a presença de comportamentos que configuram violência psicológica e coercitiva, evidenciada na insistência do agressor diante da recusa da vítima, conforme expresso no trecho:

“Lê pra mim” (Ryle)

“Eu não quero ler” (Lily)

“Continua” (Ryle)

Tal dinâmica revela a violação de limites pessoais, caracterizando uma forma de dominação, controle e imposição. Esse comportamento pode ser compreendido à luz do conceito de controle coercitivo, descrito por Stark (2007), que se refere a práticas sistemáticas de manipulação e imposição que restringem a autonomia da vítima. Ainda que a situação aparente ser cotidiana, ela expressa uma lógica de poder assimétrica, na qual o desejo da vítima é desconsiderado.

Além disso, conforme Bourdieu (1998), essas práticas podem ser entendidas como formas de violência simbólica, nas quais o agressor impõe sua vontade de maneira naturalizada, levando a vítima a internalizar essa dinâmica como algo comum dentro da relação.

Segundo Lima et al. (2025), essas múltiplas formas de violência estão interligadas e, em muitos casos, a violência psicológica se apresenta como um prelúdio para agressões físicas mais graves.

A intensificação da violência pode ser observada em cenas posteriores, especialmente quando Lily passa a demonstrar resistência mais evidente diante do comportamento agressivo de Ryle. Durante uma das discussões, a protagonista verbaliza:

“Para por favor, agora não”

“Não faz isso, para com isso” (Lily)

Essas falas aparecem em momentos nos quais a violência psicológica evolui para violência física, onde há tentativa de interrupção da agressão, evidenciando a escala progressiva do abuso.

Walker (1979) aponta que a violência nas relações abusivas não ocorre de forma isolada, mas segue um padrão cíclico, no qual episódios de tensão evoluem para agressões mais intensas.

No filme o espectador consegue perceber de forma clara a teoria de Walker (1979) onde descreve que o ciclo da violência ocorre em três fases que se repetem continuamente: primeiro surge a fase de tensão, marcada pelo aumento de pequenos incidentes e pela sensação constante de que algo ruim acontecerá; em seguida ocorre a fase de agressão, momento em que a tensão acumulada resulta em explosões de violência física, emocional ou verbal; por fim, instala-se a fase de reconciliação, na qual o agressor demonstra arrependimento, promete mudanças e adota comportamentos afetuosos.

De acordo com Saffioti (2001), a violência de gênero opera como um mecanismo de controle sustentado por relações desiguais de poder, nas quais o agressor busca manter domínio sobre a vítima, inclusive por meio da intimidação e da força.

Após o episódio violento, observa-se a presença da fase de reconciliação do ciclo da violência, conforme demonstra o trecho:

“Volta pra casa, nunca mais vai acontecer, eu prometo, eu vou me tratar” (Ryle)

Esse discurso evidencia a tentativa de manutenção do vínculo por meio de promessas de mudança, característica recorrente em relações abusivas. Segundo Walker (1979), essa fase, conhecida como “lua de mel”, é marcada por arrependimento aparente e comportamentos afetivos do agressor, reforçando na vítima a esperança de transformação e contribuindo para a manutenção da dependência emocional.

A dependência emocional, descrita por Norwood (1985), faz com que a vítima busque validação e afeto no próprio agressor, reforçando o ciclo de aproximação e afastamento. A dependência emocional caracteriza-se pela necessidade intensa de aprovação e presença do outro, levando o indivíduo a permanecer em relações marcadas por controle e submissão. Conforme Siqueira e Rocha (2019), ela “desestrutura emocionalmente a vítima, promovendo sentimentos de medo, insegurança, impotência e dependência afetiva”. Essa fragilidade emocional favorece o surgimento de vínculos dependentes, nos quais o medo da perda e a esperança de mudança mantêm a vítima presa ao agressor.

Impactos emocionais e subjetivos da violência na vítima

Os impactos emocionais da violência são evidenciados nas falas da personagem Lily, que demonstram medo, vulnerabilidade e ambivalência afetiva. A repetição de expressões como:

“Eu não quero” (Lily)

indica a perda de autonomia e a dificuldade de se posicionar diante da situação de violência. Esse aspecto pode ser compreendido a partir da desestruturação emocional provocada pela violência psicológica, que, conforme Siqueira e Rocha (2019), gera sentimento de insegurança, medo e impotência.

Além disso, a dimensão afetiva também aparece no relato da mãe de Lily ao falar sobre as agressões sofridas durante o casamento. Em uma conversa entre mãe e filha, Lily questiona os motivos que levaram sua mãe a permanecer na relação abusiva, perguntando:

“Por que continuou com ele?” (Lily)

“Teria sido mais difícil ir embora. E eu amava ele.” (Mãe de Lily)

Esse diálogo evidencia a complexidade emocional presente em relações abusivas, nas quais o afeto pelo agressor coexiste com o sofrimento causado pela violência. A fala da mãe demonstra como sentimentos de amor, dependência emocional e esperança de mudança podem dificultar o rompimento da relação, mesmo diante das agressões vivenciadas.

Esse fenômeno pode ser explicado pela dependência emocional, descrita por Norwood (1985), na qual a vítima mantém o vínculo afetivo mesmo diante da violência, buscando validação no próprio agressor.

Essa ambivalência também está relacionada ao ciclo da violência descrito por Walker (1979), no qual momentos de agressão são intercalados com períodos de afeto, gerando confusão emocional e dificultando a avaliação crítica da situação.

Além disso, a cena também evidencia o caráter cíclico da violência, uma vez que Lily acaba vivenciando, em sua própria relação com Ryle, experiências semelhantes às que presenciou na infância entre seus pais. Ao perceber que estava reproduzindo um padrão relacional marcado por agressões, medo e submissão emocional, a protagonista passa a reconhecer a influência das vivências familiares na construção de seus vínculos afetivos. Esse aspecto dialoga com o conceito de transmissão intergeracional da violência, descrito por Ozório, Féres-Carneiro e Magalhães (2017), segundo o qual padrões afetivos e comportamentais internalizados na infância tendem a ser repetidos inconscientemente na vida adulta.

Assim, os achados da análise confirmam o que a literatura aponta: a violência psicológica não apenas afeta o comportamento da vítima, mas atinge profundamente sua identidade, autoestima e capacidade de decisão.

INFLUÊNCIA DAS EXPERIÊNCIAS FAMILIARES E CICLOS DE VIOLÊNCIA

A análise também evidencia a influência das experiências familiares na construção dos vínculos afetivos da protagonista. O trecho:

“Eu não queria acabar igual a ela” (Lily se referindo à história materna indicando que cresceu em um contexto de violência doméstica.)

Essa fala ocorre quando a protagonista percebe que está reproduzindo um padrão semelhante ao relacionamento vivido por sua mãe durante sua infância. O trecho demonstra o medo de repetir a mesma trajetória familiar, evidenciando como as experiências infantis influenciam a percepção de amor, sofrimento e tolerância ao abuso.

Esse achado pode ser compreendido a partir da teoria do apego de Bowlby (1988), que afirma que os vínculos estabelecidos na infância influenciam diretamente as relações na vida adulta. Quando esses vínculos são marcados por violência ou negligência, há maior probabilidade de desenvolvimento de padrões relacionais disfuncionais.

O diálogo entre Lily e sua mãe reforça essa compreensão:

“Por que continuou com ele?” (Lily)

“Teria sido mais difícil ter ido embora”

“E eu amava ele”

Essas falas evidenciam a complexidade envolvida na permanência em relações abusivas e dialogam com o conceito de transmissão intergeracional da violência, descrito por Ozório, Féres-Carneiro e Magalhães (2017). Segundo as autoras, padrões afetivos e comportamentais vivenciados na infância tendem a ser reproduzidos na vida adulta, muitas vezes de forma inconsciente.

Minuchin (1982) também contribui para essa análise ao afirmar que a família funciona como um sistema que modela comportamentos e papéis, podendo favorecer a repetição de dinâmicas disfuncionais.

Por fim, a ruptura do ciclo de violência é simbolizada na fala:

“É assim que acaba”

Esse momento representa uma tomada de consciência e pode ser compreendido como

uma quebra da transmissão intergeracional da violência. Trata-se de um movimento de ressignificação, no qual a protagonista rompe com o padrão aprendido, confirmando que, embora os modelos familiares influenciem, eles não determinam de forma absoluta o destino relacional do indivíduo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar a representação da violência psicológica nas relações conjugais a partir do filme *É Assim Que Acaba*, buscando compreender de que forma as experiências familiares vividas na infância podem influenciar a permanência ou ruptura de ciclos de violência na vida adulta. A partir da análise fílmica e do diálogo com a literatura psicológica, foi possível identificar que a violência psicológica se manifesta de maneira sutil, progressiva e silenciosa, dificultando seu reconhecimento tanto pela vítima quanto pela sociedade.

Os resultados evidenciaram que comportamentos de manipulação emocional, controle coercitivo, invalidação afetiva, humilhação e dependência emocional aparecem de forma recorrente na narrativa analisada, demonstrando como relações abusivas podem ser naturalizadas dentro dos vínculos afetivos. Observou-se, ainda, que a alternância entre episódios de violência e momentos de afeto reforça o ciclo da violência descrito por Walker (1979), contribuindo para a manutenção do vínculo abusivo e para a dificuldade de rompimento da relação.

Além disso, a análise do filme evidencia que a violência psicológica frequentemente antecede a violência física, manifestando-se inicialmente por meio de comportamentos sutis de controle, manipulação, ciúmes excessivos, invalidação emocional e imposição de poder. Por se tratar de uma forma de violência invisível, que não deixa marcas físicas aparentes, muitas vezes seus sinais são minimizados ou confundidos com demonstrações de amor e cuidado, dificultando o reconhecimento da situação abusiva. No filme *É Assim Que Acaba*, é possível observar que as agressões físicas não surgem de maneira isolada, mas são precedidas por uma construção gradual de dominação psicológica que fragiliza emocionalmente a vítima e compromete sua percepção sobre a relação. Dessa forma, a narrativa reforça a importância de identificar precocemente os sinais da violência psicológica, compreendendo que seus impactos podem ser tão profundos quanto os da violência física, mesmo quando não visíveis externamente.

Além disso, a análise permitiu compreender a relevância das vivências familiares da infância na construção dos modelos afetivos e relacionais dos indivíduos. A exposição contínua a contextos familiares marcados por violência, negligência ou relações disfuncionais pode favorecer a reprodução inconsciente desses padrões na vida adulta, confirmando as contribuições teóricas de John Bowlby (1988), Minuchin (1982) e Ozório, Féres-Carneiro e Magalhães (2017) acerca da transmissão intergeracional da violência e da influência dos vínculos primários na formação subjetiva.

Nesse contexto, o filme analisado demonstrou importante potencial reflexivo e social ao representar, de forma sensível e acessível, as complexidades emocionais presentes em relações abusivas. A narrativa evidencia que a violência psicológica não se restringe a agressões explícitas, mas envolve mecanismos sutis de dominação e sofrimento emocional que afetam profundamente a autonomia, autoestima e saúde mental da vítima.

Conclui-se, portanto, que o enfrentamento da violência psicológica exige não apenas medidas legais e institucionais, mas também ações de conscientização, educação emocional e fortalecimento das redes de apoio às mulheres em situação de violência. Além disso, destaca-se a importância da Psicologia na compreensão das dinâmicas afetivas envolvidas nesses contextos, bem como na promoção de espaços de escuta, acolhimento e ressignificação das experiências traumáticas.

11

Por fim, espera-se que este estudo contribua para ampliar as discussões acerca da violência psicológica e das relações conjugais abusivas, incentivando o reconhecimento precoce de comportamentos violentos e a ruptura de ciclos intergeracionais de sofrimento. Espera-se também que futuras pesquisas aprofundem a temática, especialmente no que se refere aos impactos subjetivos da violência psicológica e às possibilidades de prevenção e intervenção psicológica diante dessa realidade social.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2011.

BEAUVOIR, S. de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. (Obra original publicada em 1949.)

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BOWLBY, J. Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Violência contra a mulher: os 18 anos da Lei Maria da Penha. Conselho Nacional de Saúde, Notícias, ago. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/assuntos/noticias/2024/agosto/desafio-continuo-de-combater-a-violencia-contra-as-mulheres>. Acesso em: 14 maio 2026.

BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; [...]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em: 14 maio 2026.

CARVALHO, N. C. A violência doméstica contra a mulher no Brasil: a importância das políticas públicas no seu enfrentamento. 2024. 47p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Escola de Direito e relações Internacionais, Goiânia, GO, 2024.

DAY, V. P.; TELLES, L. E. B.; ZORATTO, P. H.; AZAMBUJA, M. R. F.; MACHADO, D. A.; SILVEIRA, M. B.; DEBIAGGI, M.; REIS, M. G.; CARDOSO, R. G.; BLANK, P. Violência doméstica e suas diferentes manifestações. Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v. 25, supl. 1, p. 9-21, abr. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rprs/a/5SdJkYSszKYNDzcftfbbRTL/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 14 maio 2026.

DUARTE, R. Cinema & educação: refletindo sobre cinema e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. 127 p. (Coleção Temas & Educação, 3).

É ASSIM que acaba. Direção: Justin Baldoni. Estados Unidos: Sony Pictures, 2024. 1 filme (130 min).

FÉRES-CARNEIRO, T. (org.). Casal e família: permanências e rupturas. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; Loyola, 2009.

FRICKER, M. Epistemic injustice: power and the ethics of knowing. Oxford: Oxford University Press, 2007.

HOOKS, b. Feminist theory: from margin to center. 2. ed. London: Pluto Press, 2000.

HOOVER, C. It ends with us: a novel. New York: Atria Books, 2016.

INCERPE, P. R. B.; CURY, V. E. Atendimento a Mulheres em Situação de Violência: A Experiência de Profissionais de um Creas. Estudos e Pesquisas em Psicologia, Rio de Janeiro,

v. 20, n. 3, p. 919-939, set./dez. 2020. DOI: 10.12957/epp.2020.54357. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812020000300012. Acesso em: 14 maio 2026.

INSTITUTO IGARAPÉ. A violência contra mulheres no Brasil nos últimos cinco anos. Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://igarape.org.br/a-violencia-contra-mulheres-no-brasil-nos-ultimos-cinco-anos/>. Acesso em: 14 maio 2026.

JULLIER, L.; MARIE, M. Lendo as imagens do cinema. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009. 285 p.

JUSBRAZIL. Violência patrimonial contra a mulher: o que é e como identificar. 2024. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/violencia-patrimonial-contra-mulher-o-que-e-e-como-identificar/2069931782>. Acesso em: 14 maio 2026.

LIMA, L. E. M. *et al.* Perfil epidemiológico de mulheres em situação de violência conjugal no Brasil. *Research, Society and Development*, v. 14, n. 5, e1714548661, 2025. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v14i5.48661>. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/48661>. Acesso em: 14 maio 2026.

MANO, G.; CORSO, M.; WEINMANN, A. DE O. Psicanálise, cinema e cultura pop: mitos no contemporâneo. *Psicologia USP*, v.29, n. 1, jan./abr. 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-656420160115>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/xHvhVQNxDN3Z65rMkbbkJqrm/?lang=pt>. Acesso em: 14 maio 2026.

13

METZ, C. A significação no cinema. São Paulo: Perspectiva, 1977.

MINUCHIN, S. Famílias: funcionamento e tratamento. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

MARTINS, J. C.; TEIXEIRA, E. C. Determinantes da violência contra no Brasil. *Pesquisa e Planejamento Econômico (PPE)*, Ipea, v. 50, n. 2, ago. 2020. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/entities/publication/8621712a-ee96-4437-9a33-92f3717dcef5>. Acesso em: 14 maio 2026.

MORIN, E. O cinema ou o homem imaginário. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983.

MOSCOVICI, S. Representações sociais: investigações em Psicologia Social. Petrópolis: Vozes, 2003.

NORWOOD, R. Mulheres que amam demais. Tradução de Cristiane Maria Ribeiro. Rio de Janeiro: Record, 1985.

OMS – Organização Mundial da Saúde. Violência contra a mulher: dados globais. Genebra: OMS, 2021.

ONU MULHERES. Declaração e Plataforma de Ação da IV Conferência Mundial sobre a Mulher (Beijing). Pequim: ONU, 1995. Disponível em: https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2013/03/declaracao_beijing.pdf. Acesso em: 14 maio 2026.

OPAS – Organização Pan-Americana da Saúde. Violência contra a mulher. 2024. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topics/violence-against-women>. Acesso em: 14 maio 2026.

OZÓRIO, C. D.; FÉRES-CARNEIRO, T.; MAGALHÃES, A. S. Casamento dos pais e conjugalidade dos filhos: do modelo tradicional ao contemporâneo. *Pensando Famílias*, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 20-32, jul. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2017000100003. Acesso em: 14 maio 2026.

PATEMAN, C. *The sexual contract*. Stanford: Stanford University Press, 1988.

PESTANA, J. T. S. *et al.* Epidemia invisível: perfil epidemiológico de mulheres vítimas de violência doméstica no estado de Pernambuco entre 2015 e 2019. *Brazilian Journal of Development*, v. 7, n. 6, 2021. DOI: <https://doi.org/10.34117/bjdv7n6-691>. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/32095>. Acesso em: 14 maio 2026.

SAFFIOTI, H. I. B. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

SAFFIOTI, H. I. B. *A síndrome do pequeno poder*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2004.

14

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Tradução de Guacira Lopes Louro; revisão de Tomaz Tadeu da Silva. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 14 maio 2026.

SILVA, A. H.; FOSSÁ, M. I. T. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. *Qualitas Revista Eletrônica*, v. 17, n. 1, p. 1-14, 2015. Disponível em: <https://www.fepiam.am.gov.br/wp-content/uploads/2020/06/2113-7552-1-PB.pdf>. Acesso em: 14 maio 2026.

SILVA, S. B. de J. *et al.* Epidemiological profile of violence against women in a city in the interior of Maranhão. *O Mundo da Saúde*, v. 45, n. 1, 2021. Disponível em: <https://revistamundodasaude.emnuvens.com.br/mundodasaude/article/view/1042>. Acesso em: 14 maio 2026.

SIQUEIRA, C. A.; ROCHA, E. S. S. Violência psicológica contra a mulher: uma análise bibliográfica sobre causa e consequência desse fenômeno. *Revista Arquivos Científicos (IMMES)*, v. 2, n. 1, p. 12-23, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5935/2595-4407/rac.immes.v2n1p12-23>. Disponível em: <https://arqcientificosimmes.emnuvens.com.br/abi/article/view/107>. Acesso em: 14 maio 2026.

STARK, E. Coercive control: how men entrap women in personal life. Oxford: Oxford University Press, 2007.

WALKER, L. The battered woman. New York: Harper & Row, 1979.

WEINMANN, A. de O. Sobre a análise fílmica psicanalítica. Revista Subjetividades, Fortaleza, v. 17, n. 1, p. 1-11, jan. 2017. DOI: <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v17i1.5187>. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692017000100001. Acesso em: 14 maio 2026.